

Norberto Bobbio

O defensor da democracia e dos direitos humanos

Nascido em Turim, o filósofo italiano que completaria cem anos em 2009 legou ao mundo ideias que suscitam debates até hoje nos campos político, jurídico e filosófico

Por Fernanda Quinta

Vinte anos atrás era derrubado o Muro de Berlim, o símbolo da Guerra Fria. O fim de uma guerra silenciosa que dividira o mundo em capitalista e comunista teria também levado ao fim a corrida armamentista? O último chefe de Estado da União Soviética, Mikhail Gorbachev, acredita que o mundo era mais seguro antes do episódio de 1989. Em entrevista publicada em *O Estado de S. Paulo* (11/10/2009), disse que o maior perigo é, sem dúvida, a proliferação de armas nucleares. "Há o risco de que essa proliferação ocorra para atores fora do controle dos Estados, como organizações terroristas. No total, podemos dizer que existem hoje 40 países com potencial nuclear."

Discussões desse calibre, com distintas visões sobre guerra e paz, permeiam com frequência as notícias de jornal e atualmente a agenda de presidentes. Um tema, aliás, que Norberto Bobbio - o filósofo italiano que pensou ao longo do século XX e no início do XXI as relações entre sociedade e Estado, e teorizou a democracia, a política e os direitos humanos - também sempre abordou em seus escritos. Como escreveu Celso Lafer, o grande especialista em Bobbio no Brasil e professor titular de Filosofia do Direito na Universidade de São Paulo (USP): "A guerra [para Bobbio] no mundo contemporâneo é um beco sem saída, um

caminho bloqueado, um remédio do qual não mais nos podemos servir para resolver nossos problemas, pois é um remédio invariavelmente pior do que os problemas e males que busca debelar." O fragmento consta do prefácio à edição brasileira de *Il terzo assente*, ou *O terceiro ausente - ensaios e discursos sobre a paz e a guerra*, segunda publicação do Centro de Estudos Norberto Bobbio, lançado este ano por ocasião do centenário de nascimento do filósofo.

Um realista na academia e na política

Em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, Bobbio, preocupado com as questões políticas da Itália, aderiu ao *Partito d'Azione* (Partido da Ação) e participou da resistência contra o regime fascista. Lecionou em Siena, entre 1938 e 1940, em Pádua, entre 1940 e 1948 e, logo depois, na Universidade de Turim, onde foi professor de filosofia do direito de 1948 a 1972 e de filosofia política de 1972 a 1979. Em 1984, foi nomeado senador vitalício.

Dentre os inúmeros legados teóricos de Bobbio, *O futuro da democracia* (1984) e *A era dos direitos* (1989) destacam-se como obras fundamentais para quem almeja conhecer o pensador. Na primeira, o autor elucida a democracia, definindo-a como um conjunto de regras do jogo político, tais como a universalidade do

voto e a alternância de poder, e defendendo que, para não ser depreciada, deve produzir resultados efetivos em termos de igualdade e garantia de direitos. Já o segundo livro mostra o processo de evolução dos direitos humanos desde o direito à liberdade até a conquista dos direitos sociais e a necessidade de proteção dessas demandas. A tese de Bobbio é a de que essa evolução não para, aspecto reforçado pela menção aos direitos relacionados ao atual estágio de desenvolvimento das ciências e da tecnologia. Pode-se observar a tese bobbiana em pequenas notas de jornal. O exemplo mais recente consiste na defesa brasileira, aliada a nações emergentes, do direito ao acesso a conhecimentos e tecnologias desenvolvidas em países ricos para a fabricação local de vacinas contra as inúmeras variedades de vírus H1N1.

O autor italiano escreveu também outros livros de natureza política, filosófica, ética e jurídica, como *Qual socialismo?* (1977), que discorre sobre a ideia de um socialismo possível; *Direita e esquerda* (1994); *O conceito de sociedade civil* (1976). Esta última obra, segundo o professor doutor em Ciências Políticas Aldo Fornazieri, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), é um estudo bem sintético sobre o conceito de sociedade civil, no qual relaciona o pensamento socialista com o liberal. Ali, Bobbio condensa múltiplas ideias, de Hobbes e Locke até Gramsci, passando por Hegel e Marx. Muitas das obras bobbianas fomentam, dentro e fora da Itália, debates no âmbito político e cultural.

O terceiro está ausente?

Essa pergunta vem logo à mente do leitor de *O terceiro ausente - ensaios e discursos sobre a paz e a guerra*. A obra veio à tona

em 1989, organizada pelas mãos de Pietro Polito para, segundo Bobbio, integrar, desenvolver e atualizar os temas da guerra e da paz já tratados pelo autor, em 1979, no livro *O problema da guerra e as vias da paz*, que versa sobre a formação de uma consciência atômica.

Nesse livro, ensaios acadêmicos, discursos públicos e artigos publicados na imprensa reúnem-se de modo harmonioso, mesclando o Bobbio acadêmico com o pensador da vida pública, atuante nos debates até o fim da vida, em 2004. Ele legou ao mundo a importância da democracia e o valor da paz entre as nações. Para o filósofo, o





O terceiro ausente -
ensaios e discursos
sobre a paz
e a guerra
Norberto Bobbio -
Organização de
Pietro Polito
Editora Manole/
368 páginas

pós-guerra e a supressão do fascismo trouxeram dois desdobramentos importantes para a política italiana: a efetivação da democracia e o restabelecimento pacífico das relações entre aquele país e as demais nações. Ambos os desafios diziam respeito à questão de como eliminar, ou limitar, a violência como meio de resolver conflitos. Nesse ponto Bobbio identificava um problema grave: a ausência de um mediador mundial eficaz que fosse capaz de manter o diálogo amistoso entre os distintos Estados.

A Organização das Nações Unidas (ONU), sediada em Nova York, foi fundada após a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de zelar pela paz e pela segurança mundial, funcionando como mediadora de conflitos entre as nações. Além disso, recebeu o encargo de promover o progresso social e a melhoria dos padrões

de vida das populações e dos direitos humanos. A teoria é bonita. E a prática? Segundo o professor Fornazieri, no fim do século XX, a instituição teve um papel apagado e subalterno aos desígnios dos Estados Unidos. E ainda hoje, o órgão reflete o pacto que foi definido no contexto pós-guerra, o qual já não existe mais. "A ONU carece de legitimidade e deve refletir sobre a nova realidade, que é multipolar; várias potências significativas podem assumir a responsabilidade de gerir a paz e a segurança mundiais", explica. Para se ter uma ideia, no Conselho de Segurança da ONU, os membros permanentes - EUA, Grã-Bretanha, França, China e Rússia -, que têm poder de veto, foram determinados no pós-guerra. "Isso não tem mais cabimento, tem que ser redefinido", aponta. "Enxergo uma oportunidade histórica", diz com otimismo Fornazieri, que ressalta o conceito de Bobbio de que a democracia é processual, ou seja, o processo de democratização é contínuo.

Centro de Estudos Norberto Bobbio em nova sede

Da rua Boa Vista para a avenida Ipiranga. O Centro de Estudos, fundado em 2005 e hoje vinculado ao Instituto Norberto Bobbio - Democracia e Direitos Humanos, vai ganhar, a partir de 2010, novo endereço. O espaço o aproximará de suas origens mediterrâneas: o Edifício Itália. Ali, no segundo andar, 1.100 livros voltados à temática estudada por Bobbio estarão disponíveis para consulta, além de mais de cem escritos doados pelo filho do filósofo, Andrea Bobbio. A entidade, que semestralmente organiza colóquios e palestras, já iniciou a publicação da Coleção Centro de Estudos Norberto Bobbio, composta por dez obras do filósofo, a maior parte das quais ainda inédita em português. Duas já foram editadas, em conjunto com a editora Manole: *Da estrutura à função - novos estudos de teoria do direito* (2008) e *O terceiro ausente - ensaios e discursos sobre a paz e a Guerra* (2009), lançado

este ano em comemoração ao centenário de nascimento de Bobbio. Em sua sede, quatro grupos de estudos reúnem-se toda semana para discutir os direitos humanos, a democracia e a filosofia do direito. Segundo o pesquisador Frederico Diehl, um dos organizadores das atividades, a ideia é reunir todos os textos produzidos até agora pelos grupos no blog da instituição, e incluir, entre os participantes dessas discussões, que hoje compreendem professores, doutorandos e pós-doutorandos, iniciantes que estejam interessados no assunto. "Queremos disseminar Bobbio", conclui Diehl. O Centro de Estudos Norberto Bobbio nasceu inspirado no Centro Studi Piero Gobetti, organização que preserva o legado intelectual de Bobbio na Itália.

Av. Ipiranga, 344, 2º andar, Edifício Itália -
Centro. Horário: Seg. a sex., das 10h às 18h.

Blog:

www.norbertobobbio.wordpress.com

Raymundo Magliano Filho, um discípulo bobbiano

Ex-presidente da Bovespa (2001-2007), fundador e atual presidente do Instituto Norberto Bobbio - Democracia e Direitos Humanos, Magliano estuda filosofia há 37 anos e é um entusiasta das ideias do pensador italiano. Foram elas que orientaram o administrador de empresas e neto de italianos a buscar a popularização do mercado de capitais e a aproximar a instituição financeira da sociedade civil. Pouco antes desta entrevista, Magliano esteve na Universidade de Turim, onde, por ocasião das homenagens a Norberto Bobbio, palestrou sobre a influência do filósofo na América Latina.

Dante Cultural - Quais ideias bobbianas fomentaram a criação do Instituto Bovespa, do qual surgiu pouco depois o Centro de Estudos Norberto Bobbio?

Magliano - Bobbio dizia que era preciso haver equilíbrio entre igualdade e liberdade. Muitas empresas cuidam do próprio negócio e esquecem a comunidade e a responsabilidade social que tem perante a sociedade. Como a Bolsa privilegia a liberdade, justamente por causa de seu caráter empreendedor, ela também deve se preocupar com a igualdade. Para isso, criamos o Instituto Bovespa, em 2007, cujos projetos voltam-se para o social e o meio ambiente, como o Centro de Estudos Norberto Bobbio, que foca na democracia e nos direitos humanos.

DC - Por que em alguns países da América Latina temos a impressão de que a democracia não é tão efetiva como deveria ser?

M - A democracia formal, mas não real, infelizmente é muito frágil. Apesar de todos os defeitos, ela é ainda o melhor regime político. As democracias estão engatinhando. Daí nossa preocupação com o Instituto Norberto Bobbio para que ele trabalhe para uma educação popular de cidadania para crianças. É o que Bobbio diz nos livros dele. Queremos "democratizar" a democracia e os direitos humanos, levando às comunidades carentes esses ensinamentos. Fizemos isso na comemoração dos 60 anos [da declaração dos] Direitos Humanos, em 2008, levando a Bolsa de Valores para [a

favela de] Paraisópolis: contratamos um professor para motivar os professores de lá a desenvolverem o tema com os alunos. Foi uma experiência excepcional. Recebemos 133 desenhos que demonstravam a violação de direitos ou a falta de acesso a eles nas áreas da saúde e da educação.

DC - De que modo Bobbio ajudou a Bolsa de Valores a popularizar o mercado de capitais?

M - Era preciso desmistificar a Bolsa diante da sociedade. Queríamos transformar o mercado de capitais, elitista, em um mercado democrático. Para isso nos baseamos nos três pilares fundamentais da democracia, segundo Bobbio: transparência, visibilidade e acesso. Foi colocado um mediador na Bovespa para facilitar a solução de problemas entre a sociedade corretora e os clientes. A Bolsa é transparente porque mostra a cotação todos os dias. Mas ela não era visível. E para Bobbio, visibilidade é a menor distância entre governante e governado. Usamos o Bovmóvel, um furgão, uma espécie de bolsa de valores ambulante, para levar conhecimentos do mercado de capitais à população, em shoppings, praias e outros lugares do Brasil. Funcionou muito bem. Por último, trouxemos para a Bolsa de Valores sindicalistas e explicamos a eles como funcionava o mercado de capitais. Isso facilitou o acesso dos trabalhadores àquele universo. Por último, convidamos um sindicalista a participar do Conselho da Bolsa, tendo poderes iguais aos dos demais conselheiros. Foi a primeira bolsa de valores no mundo a fazer isso. Foi excelente. Aprendemos muito com ele, e ele conosco.

DC - Por que Bobbio continua atual?

M - Quase todos os artigos que saem no jornal citam os clássicos, porque eles pensaram profundamente os temas fundamentais do ser humano. Os clássicos nunca desaparecem. Bobbio é um homem que trabalha com isso, discutindo os assuntos com muita profundidade. Ele fala de algo que sempre desejamos, mas não temos: a paz.